



Fichas de Estudo sobre o Vaticano II



ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS

Ficha 1 – História: O QUE É UM CONCÍLIO?

A palavra “*Concílio*” significa assembleia reunida por convocação e, na Igreja, um concílio sempre teve como objetivo discutir, definir e deliberar sobre questões de doutrina, fé, pastorais e costumes. Antes do século XIX, os concílios eram convocados pelos imperadores e, somente a partir do Concílio Vaticano I, eles passam, então, a ser uma reunião dos bispos convocados pelo papa.

O texto de At 15,6-35, que narra o encontro dos apóstolos reunidos em Jerusalém, onde discutiram a questão da disciplina a ser aplicada aos judeus-cristãos e aos pagãos convertidos à fé cristã, pode ter sido a inspiração para a realização dos concílios. Segundo este texto bíblico, após apresentada a questão, eles a discutiram e depois rezaram invocando o Espírito Santo que suscitou o que eles deviam fazer, e todos acataram aquela decisão como vontade de Deus. Apesar deste encontro ser chamado de “Concílio de Jerusalém”, ele não pode ser considerado um concílio, pois esta nomenclatura passou a existir somente depois do Concílio de Nicéia, no ano 325, o primeiro Concílio da Igreja.

Ao longo do tempo, até os dias de hoje, a Igreja Católica realizou vinte e um Concílios Ecumênicos (Ecumênico aqui no sentido de universal ou global, com representantes da Igreja de distintos lugares, bem como quanto à doutrina e costumes eclesiais aceitos como norma para toda a Igreja Católica). Para conhecê-los, [clique aqui](#).

Uma pergunta que talvez possa intrigar é: Por que aconteceram tantos Concílios?

A Igreja possui duas naturezas: a divina e a humana. Enquanto instituição terrena, ela é circunstanciada pelo tempo e pelo espaço, e é conduzida por homens que, embora ajam em nome de Deus, são humanos que pela unção do Espírito Santo, buscam acertar. Ao longo da História, para cumprir sua ação evangelizadora, a Igreja procurou se fazer presente no mundo e, com a sua experiência, contribuir na construção da sociedade. Isto implicou em constantes adaptações no seu modo de ser e de agir pastoralmente, o que, conseqüentemente, exigiu novas formulações doutrinárias, marcando a sua história e, inclusive, a história do ocidente. Por outro lado, sob a ótica da fé, a existência de vinte e um Concílios demonstra a força do Espírito Santo que suscitou novos modos de interpretar as verdades da Revelação para que a Igreja de Cristo continuasse presente no mundo.

As decisões de todos os Concílios foram incorporadas na vida da Igreja, e fazem parte do *deposito fidei*, ou “depósito da fé”, que é preservado pelo Magistério da Igreja. Os estudos dos concílios mostram que certas questões que num determinado tempo provocaram grandes discussões, hoje são pacíficas, como por exemplo, a questão se Jesus de Nazaré era humano ou divino. É difícil imaginar como isso inflamou os ânimos dos participantes do primeiro Concílio de Nicéia! Na fé, a Igreja reunida no primeiro Concílio da História definiu a consubstancialidade de Jesus, isto é, ela reconheceu, simultaneamente, a humanidade e a divindade de Jesus Cristo.

Um Concílio não nasce da noite para o dia. Todos foram convocados depois de um longo período de reflexão e, até mesmo, de resistência da Igreja às novas interpelações da sociedade. O Magistério da Igreja, exercido pelos bispos, é responsável pela conservação da doutrina cristã e, justamente por isso, a convocação de um Concílio acontece para tentar impedir que as mudanças sociais modifiquem o modo de pensar e agir dos cristãos.

Os dois últimos Concílios que precederam o Vaticano II, Concílio de Trento (século XVI) e Vaticano I (século XIX), demonstraram a reação da Igreja diante dos diversos questionamentos que a sociedade moderna lhe fazia. O Concílio de Trento foi mais uma resposta da Igreja às questões de fé, especialmente sobre os sacramentos e a pastoral; enquanto que o Vaticano I versou sobre a autoridade da Igreja, posicionando-se contra o liberalismo econômico e político, os progressos científicos etc. Não obstante a isto, algumas nações europeias adotaram regimes políticos republicanos e aboliram o Catolicismo como religião oficial do Estado. No início do século XX, mais preocupada com seus

problemas, a Igreja não foi capaz de perceber as mudanças sociais causadas pelo capitalismo, que acabaram desencadeando as duas guerras mundiais nas quais países cristãos se destruíram mutuamente. Às vésperas do Concílio Vaticano II, muitos constatavam que a Igreja precisava se renovar, pois o zelo exagerado pela disciplina eclesiástica, pelas normas canônicas e ritualistas estava comprometendo sua missão no mundo.

Paradoxalmente, ainda no século XIX, assistiu-se uma tímida mas significativa abertura, que alimentou as esperanças de novas perspectivas teológicas e eclesiais, com o papa Leão XIII (1810-1903), que incentivou a pesquisa e o estudo dos textos originais da Bíblia - em hebraico, aramaico e grego - e os textos patrísticos, também chamados textos dos Santos Padres. Com isso, logo no início da primeira metade do século XX, surgiram vários movimentos que podem ser vistos como causas remotas ao Concílio Vaticano II. O estudo da Bíblia deu origem ao **Movimento Bíblico**, que rompeu com a rigidez de um único sentido literal dos textos bíblicos, trazendo avanços na compreensão da inspiração e da interpretação dos textos. O estudo dos textos patrísticos deu origem ao **Movimento Litúrgico** que buscou resgatar a liturgia dos tempos antigos, profundamente cristológica (Cristo é o centro), e essencialmente mistagógica, isto é, catequética e espiritual orientada para o mistério de Cristo. Este resgate denunciava a rigidez e a formalidade da liturgia da época. Paralelamente a estes dois movimentos, surge o **Movimento Teológico**, como tentativa de refletir teologicamente as experiências do homem moderno diante dos avanços da Ciência, da História, da Literatura e da Filosofia que sempre foram negados pela Igreja. Este Movimento idealizou uma teologia que propiciasse uma moderna compreensão global da existência, da transcendência e do espiritual.

Desde o início do século XX, houve também grandes esforços dos Movimentos Ecumênicos, principalmente entre os protestantes que cada vez mais questionavam a Igreja Católica, de tal forma que, timidamente, dentro da Igreja começam a aparecer simpatizantes da causa, até que em 1960 foi criado o Secretariado para a Promoção da Unidade dos Cristãos que, depois do Concílio Vaticano II, tornou-se [Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos](#). A partir destes movimentos, o termo “ecumênico” passou a ter o significado pelo qual o entendemos atualmente: movimento entre diversas denominações cristãs na busca do diálogo e cooperação comum, buscando superar as divergências históricas e culturais a partir de uma reconciliação cristã que aceite a diversidade entre as Igrejas.

Ao se defrontar com o crescente fenômeno da urbanização e da secularização, a Igreja também sofreu mudanças. Até então, sua pastoral se orientava, sobretudo, para o meio rural e agrário e os novos desafios da cidade encontraram um clero despreparado. Com relação ao mundo operário, a Igreja, por meio do papa Leão XIII, ao procurar dar respostas às questões sociais, principalmente ao mundo do trabalho, abriu espaço para o chamado **Movimento Social**, que recentemente foi identificado como a origem da [Doutrina Social da Igreja](#). Por fim, a Instituição foi percebendo que nos muitos espaços do mundo moderno, aos quais a Igreja não tinha acesso, havia leigos cristãos. É neste contexto, portanto, que surge a Ação Católica como um dos mais importantes **Movimentos Leigos** da História da Igreja. Ela tinha como projeto cristianizar a vida pública, através dos [leigos](#) orientados pelo clero, e era vista como um exército pacífico a serviço de Cristo Rei, na implantação do seu Reino.

Todos estes Movimentos trouxeram a questão da modernidade para dentro da Igreja, como desafios que emergiram para que ela saísse de uma suposta estabilidade conservadora e abrisse espaços para um diálogo com o mundo moderno. Assim, na segunda metade do século XX, não restava alternativa às Igrejas cristãs, a não ser assumir a necessidade de mudanças internas. Estes diversos fatores influenciaram na convocação e na orientação do Concílio Vaticano II, que possibilitou uma modernização eficaz da Instituição, com a finalidade de tornar viva e atual a mensagem de esperança do Evangelho, para atender melhor as exigências dos novos tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COMBLIN, J. *Um novo amanhecer da Igreja?* Petrópolis: Vozes, 2002.
- CECHINATO, L. *Os 20 Séculos de Caminhada da Igreja*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- COMPENDIO DO VATICANO II Constituições, Decretos, Declarações. Rio de Janeiro: Vozes, ed. 4^a 1968.
- LORSCHIEDER A., LIBÂNIO J. B., COMBLIN J., VIGIL J. M., BEOZZO J. O. *Vaticano II 40 Anos Depois*. São Paulo: Paulus, 2005.

MATOS, H. C. J. *Caminhando pela História da Igreja*. Belo Horizonte: O Lutador, V. III 1996.
_____, ANTONIAZZI A. *Cristianismo 2000 Anos de Caminhada*. São Paulo: Paulinas, ed. 3ª, 1996.

Referências Eletrônicas.

Ney de Souza, [Contexto e Desenvolvimento Histórico do Concílio Vaticano II](#)

João Batista Libanio: [A memória do Concílio Vaticano II](#)

Perguntas para reflexão:

1. O que você não sabia sobre os Concílios e o que mais chamou sua atenção?
2. Diante das colocações acima, você acredita ser importante para os leigos, conhecer mais a história da Igreja? Por quê? E, como você entende agora, a atuação e as resistências da Igreja, frente ao mundo?
3. Qual a importância do estudo dos Concílios para as pastorais?

Orientações para a interação:

Você poderá discutir este texto, presencialmente, com seus amigos na comunidade ou através do recursos interativos indicados no site: http://www.ambientevirtual.org.br/fichas-de-estudo/ficha-1_historia-o-que-e-um-concilio/

Aguarde a publicação da próxima ficha: Dia 17/08.

Tema: O Evento Concílio Vaticano II